

O DIÁLOGO COM AS CRIANÇAS PEQUENAS - REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO INFANTIL

Viviane Cardoso¹

Resumo:

O objetivo desse artigo é refletir como os ideais da pedagogia freireana tem contribuído para as práticas desenvolvidas nos espaços voltados ao trabalho com as crianças da educação infantil, percebendo como a garantia do direito à liberdade de expressão destas crianças para exporem suas vivências e opiniões sobre o mundo que as cerca, pode tornar mais significativas as suas aprendizagens. Possibilitando aos educandos vivenciar desde a mais tenra idade a oportunidade de exporem suas ideias, opiniões, aprendendo a questionar e refletir sobre o mundo que os cerca.

Os ensinamentos de Paulo Freire serão articulados às interações e brincadeiras, assumidos como eixos norteadores do trabalho a ser desenvolvido nas escolas de educação infantil, para provocar uma reflexão sobre a educação das crianças pequenas.

Relacionando-as a algumas ações e práticas que vem sendo desenvolvidas em instituições públicas de educação infantil, onde conheci as diferentes realidades escolares destas instituições até o presente momento.

Estes espaços educativos tem buscado propiciar as crianças momentos de livre expressão e escuta sensível aos seus desejos, sentimentos, dúvidas, medos, possibilitando trocas de saberes individuais e a construção coletiva de conhecimentos sobre si e o mundo.

As rodas de conversas tem mostrado seu grande papel ao contribuir para a construção de alguns saberes essenciais para a vida adulta nestas vivências da infância.

Palavras-chave: Paulo Feire; Educação Infantil; Diálogo, Escuta Sensível.

¹ **Viviane Cardoso:** Professora formada do curso Normal para atuação na educação infantil e séries iniciais pelo Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt desde 2010. Graduanda do curso de Pedagogia da UNOPAR- Universidade Norte do Paraná em 2015/2. Atuou como

Professora Titular da Educação Infantil de Igrejinha / RS por 4 anos. Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica em uma Escola de Educação Infantil de Igrejinha / RS.

1. CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO INFANTIL E O DIÁLOGO...

A educação Infantil primeira etapa da educação básica tem uma história de muitas lutas e vitórias, aos poucos foi deixando seu lado assistencialista e para os poucos inserir-se no contexto educativo na primeira infância. As escolas de Educação Infantil, atende crianças de quatro meses até cinco anos de idade em todo o território nacional.

As práticas desenvolvidas pelas instituições de educação infantil trabalham seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 2010 e mais especificamente as linguagens presentes nos Referenciais Nacionais para Educação Infantil de 1998, que buscam orientar quais os saberes essenciais a serem desenvolvidos com as crianças pequenas, em instituições públicas e privadas, guiando os professores em suas práticas pedagógicas.

Contudo, isso não é garantia de que estas práticas ocorram da forma certa a possibilitar ao educando a construção dos seus saberes através da investigação, da curiosidade, da experiência e da troca com o outro. Neste sentido, percebemos que a pedagogia freireana vai de encontro com o que é almejado alcançar nestes espaços da primeira infância, a garantia da construção do conhecimento de forma coletiva, com uma escuta sensível aos anseios e questionamentos dos educandos.

Contudo, estas propostas só são possíveis de serem vivenciadas no cotidiano se houver diálogo entre professor e as crianças e se este está comprometido em possibilitar a elas, momentos para se expressarem, entendendo-as como sujeitos de direitos e com vivências significativas para a troca com seus pares e a construção da sua leitura de mundo.

Neste contexto Paulo Freire em seu livro, “Medo e Ousadia” já nos dizia que o diálogo como o centro da trama. Freire nos ensina que o diálogo não é mero bate-papo, não é tática para fazer amigos, não é um vaivém de informações, não é um método, não é uma técnica para obter resultados “(...) Não existe num vácuo político. Não é um *espaço livre* onde se possa fazer o que se quiser.” (FREIRE, 2008a, p.127).

Freire nos fala de um diálogo com significado e objetivos claros, proporcionado uma troca de saberes, onde sempre novos saberes e descobertas podem ser agregados. Se tornando uma condição básica, pois somente depois que os educando o terem problematizado, observado, questionado sobre algo é que as hipóteses irão ganhar significado e assim contribuindo para a construção de conhecimento.

2. O DIÁLOGO COM AS CRIANÇAS PEQUENAS - REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO INFANTIL

Nas instituições de educação infantil que conheci em minha caminhada profissional desde na cidade de Igrejinha / RS, ambas públicas. Atuei em diferentes cargos dentro destas instituições e acompanhei o empenho dos profissionais em desenvolver uma prática pedagógica que coincida com as Diretrizes e Referenciais, valorizando cada criança, respeitando suas particularidades, vivências e história de vida enquanto indivíduos.

Nestas instituições muitas práticas foram aos poucos sendo agregadas ao trabalho pedagógico dos professores, práticas estas, onde muitos dos ensinamentos de Paulo Freire estão presentes.

Os professores destas escolas tem desenvolvido uma atenção muito especial à escuta do que as crianças têm para nos dizer, de seus desejos, curiosidades e assim, estimulando a se expressarem e questionarem o mundo que as cerca, pois a criança pequena aprende o que vivencia o que observa e é através destas observações e vivências que ela organiza suas ações presentes e futuras.

Neste sentido quando estamos abertos a escutar, mas não um simples ouvir, aqui a escuta refere-se a uma escuta realmente voltada à criança e ao que ela tem para contribuir, possibilitando sua livre expressão sobre si mesma, algum objeto ou sobre o outro. A partir desta liberdade e do autoconhecimento de si mesma (quem é; a sua história, origens), é que a criança pequena começa a criar conceitos e relações, onde se descobre muito sobre como ela pensa e entende o mundo ao seu redor. É aqui, neste momento único de troca entre as diferentes crianças e suas vivências/experiências de vida que se abre a oportunidade dela perceber que pode e tem direito de questionar o mundo que a cerca, estimulando-as a observar e refletir, onde para Paulo Freire caracteriza o diálogo como:

(...) O momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e a refazem (FREIRE, 2008a, p.123).

Para a concretização do diálogo, que vai além das palavras, é exigido dos educadores, a observação atenta e crítica ao que está acontecendo com as crianças - interesses,

experiências e expressões, em confronto com as intencionalidades de educação. Isso permite a organização dos espaços/tempos de ensino-aprendizagem, onde Freire nos diz:

"... pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos." (FREIRE, 1987a, p.31)

Neste contexto as práticas que vivenciei estão possibilitando as crianças avaliarem suas ações no cotidiano, as atividades que são disponibilizadas a elas, seus sentimentos, seus desejos, não apenas para dizer que o dizem, mas por que se tem a intenção de ver o dia a dia pedagógico que lhes é ofertado através dos seus olhos, das formas que elas, as crianças, percebem o mundo escolar que era e é para ser voltado a elas e suas necessidades.

Por meio do diálogo, é possível a construção de conhecimento de forma coletiva e colaborativa. Esse modo de construir conhecimento permite trabalhar com as crianças de forma mais integrada evitando, assim, a divergência do aprendizado de conceitos, valores, habilidades e atitudes; saberes indispensáveis na educação infantil. Essa concepção abrangente e inclusiva de aprendizagem possibilita, também, que os professores de educação infantil, assim como aqueles dos anos subsequentes valorizem, no mesmo nível de importância, o aprendizado desses diferentes conteúdos para o desenvolvimento da criança.

Desta forma, as professoras com quem convivi e as escolas por onde passei, têm dado oportunidades às crianças a se expressarem por diferentes linguagens (fala, corporal, desenho, etc.) seus pensamentos e desejos.

Estas professoras têm promovido rodas de conversa em pequenos grupos ou em grupos maiores, conforme o objetivo da mesma para conversar a partir de um tema, uma pergunta, ou mesmo sobre alguma curiosidade que seja do interesse das crianças e neste sentido o grupo diverge suas opiniões, cria hipóteses e ainda estratégias de pesquisa coletiva para esmiuçar o objeto de reflexão.

A criança traz consigo conhecimentos, hábitos, desejos, sonhos, sentimentos e medos, que precisam ser conhecidos e respeitados pelos educadores e educadoras. Para Freire, é fundamental que o professor respeite esse *saber de experiência feito* e trabalhe, a partir dele, de modo que possa ser superado, estimulando a criatividade e a capacidade de *leitura do mundo* dos educandos. Partir dos conhecimentos, dos contextos concretos e dos interesses que a criança traz é condição, segundo Paulo Freire, para o desenvolvimento de novos saberes.

Em seu livro, *Medo e ousadia*, Freire escreve:

(...) a educação dialógica parte da compreensão que os alunos têm de suas experiências diárias (...), minha insistência de começar a partir de sua descrição sobre suas experiências da vida diária baseia-se na possibilidade de se começar a partir do concreto, do senso comum, para chegar a uma compreensão rigorosa da realidade. (FREIRE, 2008a, p.131)

Corroborando com esse pensamento, sobre a importante relação entre o conhecimento e a realidade dos educandos, Michael Apple e James Beane, dizem que:

“o conhecimento é aquilo que está intimamente ligado com a comunidade e com a biografia de gente [crianças] de verdade. Os alunos aprendem que o conhecimento faz diferença na vida das pessoas, inclusive, na sua própria.” (APPLE e BEANE, 1997, p.153).

O diálogo, entendido numa acepção ampla, de expressão em múltiplas linguagens, permite a apreensão do *saber de experiência feita* e dos sonhos dos educandos. O sonho é o motor da transformação. Nas palavras de Freire, “Sem sonhos não há vida, sem sonhos não há seres humanos, sem sonhos não há *existência humana*” (FREIRE, 2009a, p.41). Para que os sonhos se tornem possíveis, numa perspectiva utópica de um tempo que ainda não veio, é preciso trabalhar e educar a esperança, não uma esperança vã, pura resignação, mas uma esperança ativa que constrói alicerces para alcançar os sonhos.

O diálogo, presente em situações de aprendizagem, com os educandos, permite que a curiosidade espontânea da criança característica esta, manifestada pelo comportamento de busca, de descoberta. Quando a criança começa, por exemplo, a querer entender como se conserta algo, a querer saber os “comos” e os “porquês” das coisas, mostra indícios do surgimento da curiosidade epistemológica defendida por Paulo Freire e muito presente nos relações dos homens enquanto seres incompletos e em construção.

As rodas de conversa em que participei e observei nestas escolas infantis, respeitavam as individualidades de cada criança, davam tempo a elas de construir suas linhas de pensamentos, de fazerem conexões com seus saberes e assim construir seus diálogos e opiniões. Contudo vale ressaltar que este não foi um trabalho desenvolvido em um, dois dias, ou mesmo uma ou duas semanas, foi um trabalho cotidiano e que teve todo um trimestre para ser estimulado e desenvolvido com as crianças destes espaços, sendo notável a diferença de argumentação e comunicação crítica que estas crianças aprimoraram e desenvolveram neste período de tempo.

O estímulo à curiosidade e a livre expressão das crianças através do diálogo requer, dos educadores, a aquisição de saberes necessários para a prática docente. Alguns desses conhecimentos trabalhados por Paulo Freire, em seu livro *Professora sim, tia não*, estão

presentes na trama conceitual apresentada nesse texto e se colocam como condições para o desenvolvimento do diálogo. São eles: escuta, tolerância e amorosidade.

A escuta de que nos fala Freire vai além da capacidade auditiva e da pura cordialidade.

Na medida em que aprendemos a escutar, paciente e criticamente o educando, podemos passar a falar com ele e não falar para ele, como se fôssemos detentores da verdade a ser transmitida. Nessa perspectiva, é importante aprender a escutar o diferente. Essa qualidade de escuta requer do educador o desenvolvimento da tolerância virtuosa, que nos ensina:

“(…) a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente.” (FREIRE, 2009b, p.59).

Essa é uma qualidade que, ao mesmo tempo em que o professor dela necessita, precisa ser desenvolvida entre as crianças colaborando com a prevenção de problemas de discriminação, violência e exclusão. Essa escolha por uma educação que diz não ao preconceito de qualquer ordem e que tem como valor a solidariedade requer também amorosidade, que se funde com o respeito e a valorização das crianças, viabilizando o diálogo com elas.

A amorosidade, no pensamento freireano, é essencialmente ética. Para Freire:

“o amor é um ato de coragem [...] o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (FREIRE, 1987, p.80).

É imprescindível ter em mente, porém, que tão importante quanto criar tramas conceituais, relacionando termos, conceitos e categorias freireanas, é buscar a coerência entre a proposição das tramas e as práticas cotidianas.

Neste contexto destaca-se a importância das propostas e trabalhos desenvolvidos com as crianças na educação infantil onde devemos lembrar novamente que, o jogo, as interações e as brincadeiras, são condições para o aprendizado da criança.

A brincadeira faz parte da cultura infantil em todos os povos. Desde muito cedo, por meio da brincadeira, a criança aprende a ler o mundo, condição para a produção e aquisição de conhecimento – e que por isso se impõe como necessidade. Nessas situações a criança aprende conceitos, valores, a expressar emoções e desenvolve seus sentidos orgânicos. Torna-se alerta, curiosa, crítica, confiante.

A brincadeira, que se constitui em um caminho possível para a aprendizagem, tem sido proposta como eixo central do trabalho com as crianças, em torno do qual vão se

articulando, cada vez em níveis mais complexos, diferentes aprendizagens nos variados campos do conhecimento. É possível, assim, evitar a fragmentação dos conhecimentos no processo ensino-aprendizado da educação infantil.

A brincadeira não pode ser entendida como um espaço/tempo único, exclusivo, no conjunto das atividades da criança e sim, deve permear todos os momentos de aprendizagem.

Ao pensar no trabalho com as crianças na escola de educação infantil, quer na sala de aula, ou em ambientes externos, tomando a brincadeira como centro organizador do currículo, é possível trabalhar em diferentes situações de aprendizagem que propiciam o desenvolvimento da criança: dança, teatro, contação de histórias, música, artes plásticas, rodas de conversa e outras.

A presença do educador e das outras crianças, nessas situações, oportuniza a construção de conhecimentos cada vez mais complexos. É aí que a educação dialógica de Freire ganha grande força, na medida em que o eixo organizador do currículo se fará a partir e com a brincadeira, sendo o diálogo assumido e concretizado como vetor para o desenvolvimento da aprendizagem da criança, articulado aos diferentes conceitos que figuram na trama conceitual construída nesse texto: construção de conhecimento, amorosidade, colaboração, tolerância, sonhos/esperança, escuta, criticidade e curiosidade.

Na relação com as famílias dos educandos encontra-se um outro espaço em que as brincadeiras e o diálogo podem estar presentes. Aqui, cabe dialogar com os familiares sobre as brincadeiras que as crianças têm em suas casas, na rua ou em outros espaços que frequentam. Isso possibilita conhecer melhor os educandos e suas realidades.

Dessa forma a escola pode aprender com as famílias dado o saber privilegiado que estas têm sobre a educação das crianças fora da escola, chamando as famílias para participar da construção do currículo. Também é o momento para discutir sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, no espaço escolar e fora dele.

A brincadeira e o diálogo podem ser motes para integrar educandos, famílias e escola, com grandes ganhos para a para a vida da comunidade.

Nos diferentes espaços/tempos da educação infantil é possível, como foi aqui apresentado, construir um trabalho significativo para o desenvolvimento das crianças, com a inspiração freireana.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* / Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da solidariedade.* São Paulo: Villa das Letras Editora, 2009a.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não.* São Paulo: Editora Olho d'Água, 2009b. **Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica.** – Brasília : MEC, SEB, 2010.**

KARLSSON, Lisa. *Tecendo histórias com crianças: uma chave para ouvir e compartilhar.* In CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.* São Paulo: Cortez, 2008.